



Director literario:
Alcides Amorim
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo de Sá
PAPUSSE

PROVINCIANO EM LISBOA

(DUMA ANEDOTA)

Por DEZIDÉRIO



Eu chegara à Capital,
Todo alegre e bem disposto;
Capaz de chamar ideal
Ao mais deslavado rôsto.



E, nesta disposição,
A uma dama arrebecada,
Mas mais feia que um trovão,
Chamei-lhe:— Anjo, Deusa, Fada!...



— «Sinto muito não poder
O mesmo de si dizer!»
Gritou-me ela de má-pinta;



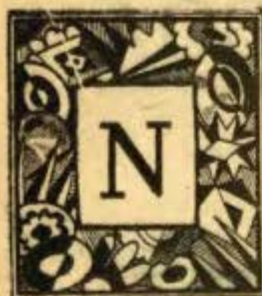
Ao que eu retorqui com graça:
— «O minha senhora faça
O mesmo que eu faço:— minta!...

Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)



O dia seguinte, preparávamo-nos para nos fazermos ao largo. Estava eu, depois de ter ajudado à faina, encostado à amurada, olhando pensativamente para a filha e para aquelas águas que haviam sido o túmulo dos meus pobres companheiros, quando sucedeu um caso que ainda hoje me traz intrigado. Foi o seguinte:

Estaria o barco em andamento, haveria uns dez minutos, quando, na parte superior da

ilha, vejo erguerem-se duas mãos, que se agitaram freneticamente por um instante para logo desaparecerem.

Fiquei atônito, tanto mais que quando as mãos desapareceram me pareceu ouvir gritar: «Socorro!»

Fui logo ter com o capitão, e tanto lhe roguei, que voltamos atrás, a explorar a parte superior da ilha.

Santo Deus! Como fiquei espantado! Ao passo que a parte inferior era toda formada de pedras, a parte superior era um perfeito oásis. Encontravam-se ali quasi todas as árvores de fruto, um pequenissimo regato que desaparecia pelo interior da terra, e muitas mais cousas, suficientes para um homem poder ali viver eternamente.

Procurámos, explorámos, investigámos, e nada; o homem não aparecia.

Durante duas horas, estou quasi convencido que cousa alguma ficou por pesquisar.

No entanto, do homem nem vestígios. Depois, eu não tinha a certeza de «ter visto», e poderia ter sido uma ilusão dos meus sentidos, excitados por todos os transe por que passei;

Embarcámos novamente, e, com grande desapontamento meu, soube que o barco ia ainda à Terra-Nova, pois não fizera o carregamento.

No entanto não quiz que dissessem que os portugueses não são agradecidos, e fui com elles à Terra-Nova, ajudando-os na medida das minhas forças, na pesca do bacalhau. Daí provei esta demora de mezes, pois só agora voltámos. Por amabilidade, o capitão do «Carmen», veio pôr-me na costa de Portugal, que eu julguei não voltar mais a ver.

O jornal continuava com alguns pormenores, mas o mais interessante findava aqui.

Logo ás primeiras palavras, a mãe de Jorge levantou-se anciada e, tremendo, ouviu de pé tudo quanto o filho leu.

Quando elle acabou, sentou-se desanimada.

O seu olhar, donde brilhara por momentos um relampago de esperança, voltou a ser baço e triste.

—Mãe! Mãe! Pois que tem? Então não se alegra vendo que o meu pai está salvo?

—Salvo! Salvo, dizes tu! Mas o homem que veio chama-se Carlos Lourenço e não André Soares,

—Mas o outro? O que ficou na ilha?

—Na ilha não ficou ninguém! Pois se durante duas ho-

ras não o encontraram! E se o próprio homem que o viu duvida mesmo se o viu.

—E depois, mesmo que ficasse alguém, como sabes tu que era teu pai?

—Oh! Diz-me o coração.

—Oh! minha mãe! Não sei o que tenho, mas é uma esperança tão grande que é quasi certeza.

—E' possível. Mas mesmo assim, não sei para que grites há pouco que o teu pai estava salvo.

—Mas se elle o está.

—Prouvera a Deus, que assim fôsse.

—Ouça, minha mãe: somos ricos, a fortuna que o tio João nos deixou, é superior a dois mil contos. Pois bem! Comprarei um barco e irei a essa tal ilha adquirir a certeza da vida ou morte de meu pai.

No primeiro momento as feições de D. Isabel Soares revelaram a contrariedade e o medo de perder aquele filho como já perdera o marido, mas depois pensou melhor e exclamou apenas:

— Vai.

Quinze dias depois, saía da Figueira da Foz com destino à Terra Nova um lindo yacht de recreio. Além da tripulação iam a bordo Jorge Soares e Carlos Lourenço, que aquele convidou a ir para lhe indicar o sitio onde vira o tal homem misterioso.

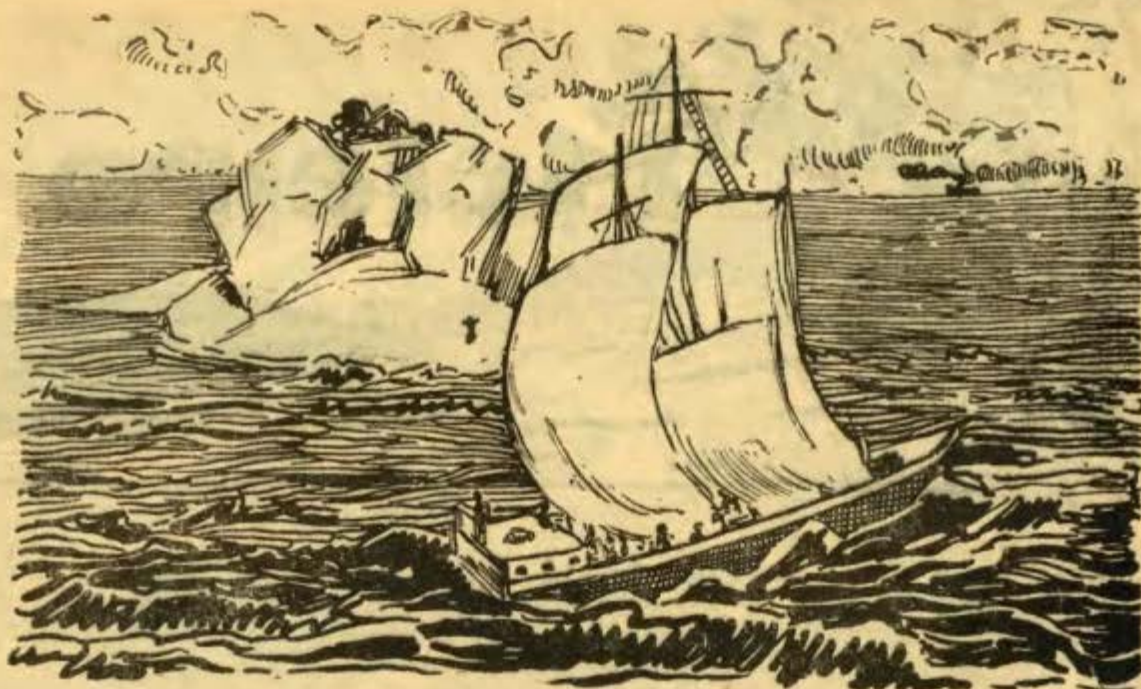
A viagem decorreu sempre sem incidente algum, e 15 dias depois chegavam à Terra Nova. Demoraram-se lá dois dias, para renovarem o carregamento de víveres, que começavam a escassear, e a prepararem-se para a tarefa que iam emprender. Como Carlos Lourenço não sabia dizer a direcção que era preciso tomar para chegar à ilha, pois fôra lá ter devido à tempestade, Jorge contratou um piloto americano.

Como dissemos, passados dois dias, deixavam a Terra Nova e faziam-se ao largo com rumo à ilha, que Jorge baptisou com o nome de «Ilha da Esperança», porque assim como D. João II chamou à ponta de Africa «Cabo da Boa Esperança», devido à esperança que ella lhes dava de descobrirem o caminho marítimo para a India, assim Jorge, por aquella ilha, tinha esperança de vir a descobrir seu pai.

Passados três dias, avistaram a ilha com as suas guardas avançadas, constituídas por formidáveis rochedos. A co-moção de Jorge era grande. Fôra ali, naquellas águas, agora tão tranquilas que o barco de seu pai naufragara. Fôra ali, pensava elle, que toda a tripulação do «Neptuno», excepto seu pai e Carlos Lourenço, havia perecido. E lá estava a ilha onde deserto iria encontrar seu pai.

Jorge quiz que se não perdesse tempo e depois de terem almoçado, saltou, com Carlos Lourenço, o piloto e mais cinco homens da tripulação, para a lancha, que em dez minutos os pôs naquella pequena extensão de areia que servira de residência a um naufrago durante três dias.

Depois de procurarem um bom pedaço lá conseguiram



descobrir a entrada para a parte superior da ilha. A cada passo que dava, aumentava a comoção de Jorge. (Iria, enfim encontrar o seu pai? Ele assim o esperava.

Subiram; Jorge ficou extasiado perante o pequeno mas lindo panorama que se lhe oferecia à vista.

Viam-se ali quasi todas as variedades de árvores de fruto, muitas outras de várias qualidades, e tanta folhagem a rodeá-las que dava a impressão de ser uma verdadeira floresta.

Era verdadeiramente encantadora aquela ilha, mas pequena de mais, e, por isso, nunca colonou algum fixara nela residência; além disso, ficava muito afastada da linha de navegação e quem lá fôsse arriscava-se a estar anos seguidos sem ver pessoa alguma.

Imediatamente principiaram as pesquisas, no sítio que Carlos Lourenço indicou.

Os oito homens procuravam afanosamente, quando, de súbito, ouviram um grito.

Correram para o lugar donde tinha partido, mas logo pararam horrorizados: diante deles havia uma cova com uns quatro metros de fundo. Tão encoberta estava que não haviam dado por ela, mas um marinheiro que se encaminhava para ali, caíra, e fôra êle que soltara o grito.

Imediatamente, pois parecia estar ferido, Jorge e Carlos desceram por uma corda e ajudaram o pobre homem a levantar-se.

Felizmente para êle, apenas torcêra um pé.

Preparavam-se para subir novamente, quando Jorge soltou um grito de espanto, e segurando Carlos por um braço, obrigou-o a baixar-se, exclamando:

— Veja! Veja!

No chão havia uma enorme mancha de sangue já seco. Naquela ilha não havia animais e portanto o sangue era humano.

Mas o seu espanto não ficou por ali. Um pouco mais adiante estava um lenço, todo sujo de sangue também, mas que se via ainda ser um lenço.

Era mais do que evidente ter estado ali um homem. Mas quem seria êle?

Jorge, a quem a esperança não abandonava nunca, afirmava ser seu pai.

Visto que por aquele lado não havia mais nada a investigar, Jorge e Carlos amarraram o companheiro ferido, para os outros o puxarem de cima, e subiram depois também.

Afastaram-se então, e foram procurar por outro lado.

Haveria apenas meia hora que procuravam, quando um deles descobriu um buraco que parecia a entrada dum subterrâneo.

Entraram, e, apenas deram alguns passos, soltaram um grito de espanto.

De pé, diante deles, estava um homem de rosto feroz, com um fato de cores, muito vistoso, mas já todo rôto e sujo. Naquela meia escuridão, os seus olhos brilhavam com ferocidade, e rangia os dentes como se estivesse furioso. Segurava na boca, apertado entre os dentes, um punhal de lâmina larga, e, em cada mão, tinha um revólver.

Ao vê-lo, recuaram espantados, e êle pronunciou algumas palavras em inglês, que apenas Jorge e o piloto perceberam.

— Quem der mais um passo, mato-o. Que querem de mim? Jorge respondeu, também em inglês:

— Descans e, nenhum de nós lhe quiere fazer mal. Não sei, portanto, para que tem, conosco, essa atitude feroz.

— Mentis! rugiu o homem. — Julgam que me enganam? Sei perfeitamente que me querem apanhar. Eu bem os vi chegar, há-de haver duas horas. Nêsse tempo, que fizeram? Andaram à minha procura, é mais que certo. Agora aqui me têm! Vá, venham buscar-me! Atrevam-se!

Ah! Ah! traidor!

Bruscamente, Jorge atirara-se a êle, o que fizera com que soltasse esta última exclamação.

Jorge saltara de tal maneira, que êle não podia fazer uso do punhal e ainda menos dos revólveres.

Os dois homens rolaram pelo chão, lutando ferozmente. Jorge não queria matá-lo, apenas agarrá-lo. Visto que lhe eram inúteis os revólveres e o punhal, o desconhecido atirou-os para longe, e procurou estrangular Jorge, deitando-lhe as mãos ao pescoço.

Este sentia já turvar-se-lhe a vista, mas, reunindo todas as suas forças, enviou um formidável sôco ao estômago do seu adversário, com tanta violência, que êste perdeu os sentidos.

Tudo isto fôra tão rápido, que os companheiros nem tiveram ocasião de acudir. Amarraram sólidamente o homem, trouxeram-o para o ar livre, e esperaram depois, tranquilamente, que êle voltasse a si.

Ansioso, Jorge procurou no homem, alguma ferida, de que pudesse provir a mancha de sangue que haviam encontrado: nada, não tinha ferida alguma.

Pouco a pouco, o homem foi voltando a si, e, como visse que lhe era impossível mover-se, limitou-se a deitar ao seu adversário um olhar cheio de ódio.

Jorge sentou-se ao seu lado, e, brandamente, disse-lhe:

— O senhor julga que nós vimos aqui procura-lo, não sei com que fim. Engana-se, dou-lhe a minha palavra de honra que se engana.

«Há pouco, procedi daquela maneira para consigo, porque logo vi que a bem nada conseguimos de si.

(Continua no próximo número)



POR ALDA LAVOS

DESENHOS DE TIO TÓNIO



DEUS... adeus minha linda aldeia pequenina, aconchegada amorosamente no sopé do monte, como pomba branca juntinho às asas da mãe... adeus!

... Meu sino amigo, tocando às Ave-marias, quando à noite os rebanhos descem do monte com seu alegre telintar de campainhas, talvez seja esta a derradeira vez, que o silvar doce do teu bronze, sôa aos meus ouvidos...

... Minha casa branquejando entre arvoredos, tão pôbre-zinha e tão amiga onde decorreram vinte anos da minha vida... minha querida velhinha que abrigas no teu seio outra velhinha mais querida — minha mãe — vão para ti, neste momento, os pensamentos mais nobres e o afecto melhor, do teu e meu coração.

E o Zé-Moleiro, saca encarnada às costas, enfiada num pau, saca onde ia toda a sua farpela de pobre, olhos arrastados de lágrimas, um soluço embalde reprimido a sufucá-lo, olhava do alto da serra, qual estátua muda de sofrimento infinito, a sua aldeia... a sua casa... tudo quanto de mais querido lhe prendia o rude coração de montanhês e êle, que era um forte, alma temperada no cadinho amargo de muitas desventuras, sentia-se fraco e triste como uma criança, que em noite tenebrosa houvesse perdido a mãe...

Mas era forçoso partir!... mais um olhar saudososo... olhar onde ia presa toda a sua alma e, dentro em pouco, a aldeia escondia-se na outra vertente da encosta...

Zé Moleiro, nessa manhã, cantava alegremente uma canção da sua terra, que evocava ao seu coração saudosos toda a graça, toda a típica beleza das destolhadas na eira, à luz suave da lua que empresta a êsse lindíssimo quadro campezino um encanto infinito, e cantava, lembrando-se que, daí a horas, enviaria para sua Mãe, para a sua velhinha, que lá longe o chorava e a Deus pedia por êle, umas centenas de escudos que lhe tornariam mais alegre o desamparado viver da sua solidão.

E comovia-se ao recordar a Mãe; comovia-se como uma criança, êsse forte rapagão que no Brasil trabalhava de sol a sol, para amealhar uns escudos e partir alfim a tornar a ver a sua terra querida, o lindo Portugal dos seus sonhos, a

sua aldeia aconchegadinha no sopé do monte, a sua mãe velhinha e amiga que em cada carta lhe pedia que voltasse, ao menos para lhe cerrar os olhos...

Ele, filho das serras, vivendo no cume dos montes como numa águia, adorava o oceano; sempre que podia ia sentar-se na praia e ali se entretinha ouvindo a voz do mar, essa voz profunda e bela que o embalava docemente, enquanto as ondas erguendo-se, altaneiras, vinham rolando umas sobre outras e espriavam-se beijando a areia com um sussuro de cambraia desdobrada.

Até que um dia, um frágil barquito, minúscula casca de nóz, brinquedo pequenino no meio das ondas revoltas, nau-





fragou de encontro aos rochedos com dois homens: — avô e neto.

Como eles lutavam com as ondas, Deus meu!... umas vezes apareciam esbracejando no alto das maiores vagas, outras, desapareciam nos abismos cavados entre onda e onda ou se viam boiando lá mais ao longe, numa luta titânica e improficua.

Zé Moleiro, que aprendeu a nadar nas águas tranquilas dum lago lá da sua aldeia e que não supunha mesmo o que era a força do mar embravecido, não hesitou um segundo:— quando a ressaca lhe aproximou os naufragos, sem mesmo pensar no perigo atiron-se ao mar e, lutando heróicamente, deitou as mãos ao pequeno que se debatia nas ondas.

Este, porém, na aflição em que se encontrava ao achar um ponto de apoio, agarron-se-lhe desesperadamente e o pobre Zé Moleiro, sem forças para se libertar dos braços de ferro que o apertavam convulsivamente, só teve tempo de sentir uma vaga alta como uma montanha envolvê-los na sua fúria louca. Pela mente alucinada passou-lhe como um relâmpago toda a sua vida: as ovelhas branquinhas que guardava em pequeno... o amor de sua Mãe... a aldeia onde nascera... as romarias com os seus descantes... e mais nada!...

Esse rudê montanhês, que era um bom, uma destas almas francas e leais que infelizmente vão hoje rareando, não morreu.

Salvaram-no, bem como aos outros naufragos, no momento em que, à mercê de Deus, os seus corpos quasi sem vida eram joguetes das ondas, em que as suas almas se preparavam já para comparecer junto ao trôno daquele que é o supremo Senhor da nossa vida.

Tinha-se levantado na véspera, do catre do hospital, durante 3 meses, estivera entre a vida e a morte e ninguém conheceria nêsse pálido doente de olhos encovados e sorriso triste aquele divertido e córado rapaz que em festas e em trabalhos era a alegria de todos. Se êle sofrera tanto!...

Vestira-se com dificuldade e foi amparado a um enfer-

meiro que deu entrada no salão, onde, entre fardas reluzentes de condecorações, sumptuosos vestidos em que as pedrarias punham scintilações de beleza estranha, ia receber o merecido prémio do seu rasgo nobre de filantropia.

—Meu pobre Zé Moleiro que com risco da tua vida te arrojàste ao mar para salvar um velho e uma criança, como te sentes confundido e atarantado no meio de tanto luxo, como o teu pobre fato velhinho e mal geitoso, destôa de tanta beleza...

—E, no entanto, a tua alma, rude como os penedos dos montes onde foste criado, vale mil vezes mais que a de muitos grandes senhores que desdenhosamente te olham do alto da sua vaidade!...

Foi tremendo, como se o seu feito fôsse um crime, que se aproximou do presidente da mesa para dêle receber uma medalha, prémio honrosíssimo, que só se dá aos que, como o pobre montanhês, arriscam a vida para salvar a dos seus semelhantes e, depois de lhe terem entregue também uma avultada quantia em dinheiro, ouviu palavras do maior elogio, coisas que mal comprehendia, mas que enchiam a sua alma duma alegria muito dôce e muito boa, como quando era pequenino e a mãe lhe cantava à noite, ao crepitar da fogueira, uma suave canção...

E o seu pensamento, galgando as ondas do mar voava... voava para a sua terra... —tão linda Senhor!—... a sua terra enfeitada, agora, pelas papoulas rubras dos trigais, ondeando à lenta viração da tarde...

Noite de Natal... noite a mais bela de todo o ano, noite que enfeitas com a tua graça o lar mais pobrezinho que ser possa.

Há mais luz na candeia do pobre; há mais poesia na natureza e até os tições do lar, dão um calor mais amorável e melhor na ampla lareira da casa do cavador.

Erra no ar gelado, um não sei quê de amor, beleza e bondade imensa, que dos céus desce juntinho dos nossos corações, e que nos envolve dôcemente, qual arminho leve, perfumado e brando de manto de rainha...

Só naquela casa não havia alegria!...

Há quasi seis meses que a tia Joaquina não recebia do filho nem uma letra sequer...

E o seu amargurado coração de mãe, segredava-lhe baixinho que talvez não o tornasse a ver.

Nessa noite, rogava ela, pedindo a Deus que lhe trouxesse o seu filho, pobrezinho embora — que não é pobre nunca quem tem para o acolher o affecto maternal — quando o cão, sua única companhia, correu para a porta rosnando ameaçadora, mas logo serenado, dando saltos de contente.

— Quem está aí!!!... inquiriu a tia Joaquina:

— Sou eu, o Lopes, que venho aqui com um rapaz que lhe traz boas novas do seu Zé, respondeu uma voz alegre.

Que alegria, Virgem Santíssima!...

La saber do filho... que alegria!...

Ao abrir a porta soltou um grito: — quem estava em frente dela, pálido de comoção, com lágrimas nos olhos era

o seu filho... o seu Zé... o seu Zé que ela julgava já morto!...

No outro dia, no alto da serra donde tinha dito à sua aldeia um amargurado adeus, Zé Moleiro murmurava baixinho: — minha linda aldeia pequenina, acocelhada amorosamente no sopé do monte, cada vez te quero mais...

Levei de ti uma saudade imensa, reguei-a com o meu pranto, açalentei-a com amor no meu pobre coração que, assim como foi, assim veio; hoje que sei apreciar melhor as tuas belezas, com mais affecto te quero. É maior e mais profundo o amor que me prende a ti.

E descendo a encosta murmurava ainda como eu te quero... como eu te quero, cantinho onde nasci!...

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

VOLUMES PUBLICADOS:

VII VOLUME

OS MEUS CONTOS

por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

VIII VOLUME

BÉBÉS DE BIBE E BABETTE

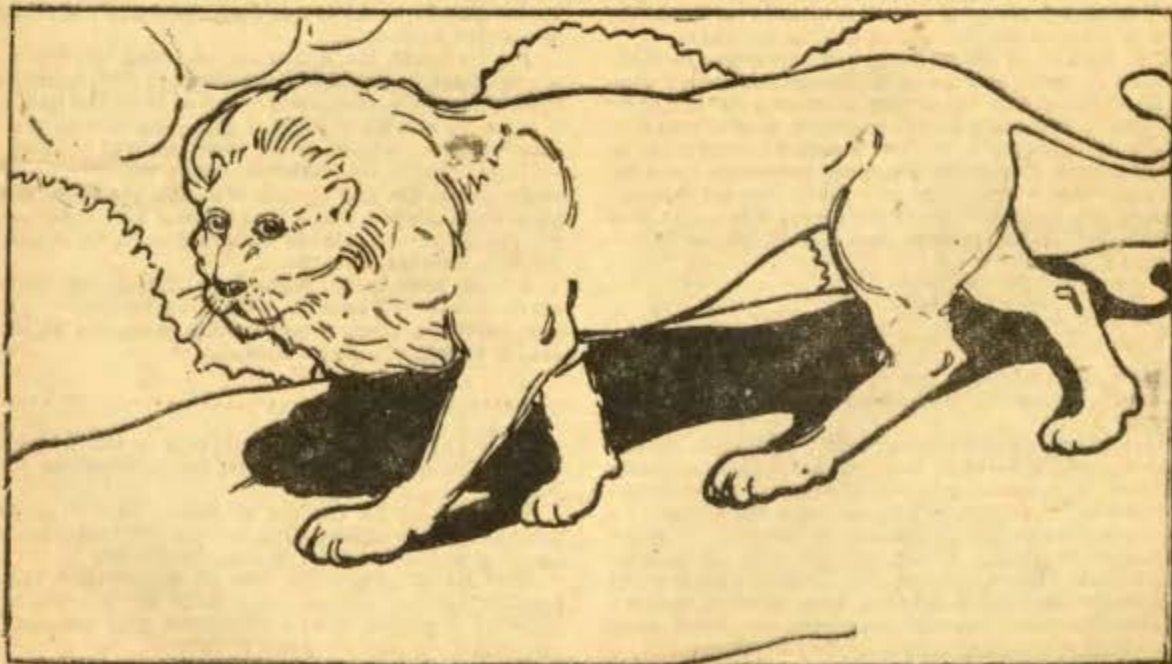
por GRACIETTE BRANCO

BREVEMENTE

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL por AUGUSTO DE SANTA-RITA

PARA OS MENINOS COLORIREM



HORA DO RECREIO

UM AEROPLANO

A pedida de Maria Luiza Soares

Presados sobrinhos e amigos

Para o aeroplano de hoje, será de toda a conveniência pedir auxílio aos papás ou manos mais velhos, porque me parece que é um pouco complicado.

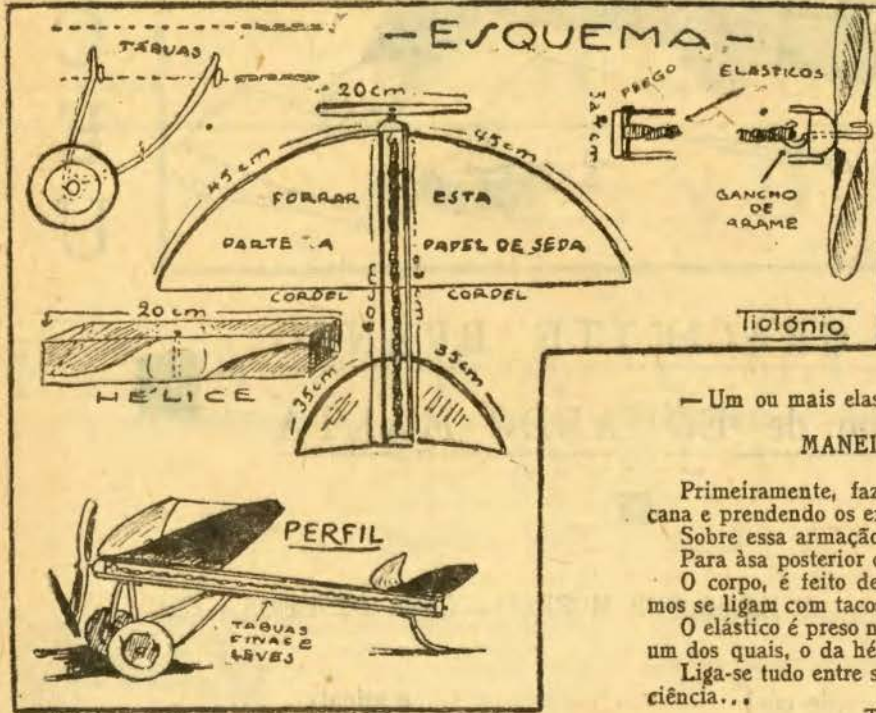
MATERIAIS

- Uma tira de cana, com 90 centímetros de comprimento.
- Papel de seda, muito leve.
- Tabuinhas finas e leves.
- Arame e duas rodinhas de madeira.
- Uma hélice de madeira, com 20 centímetros.
- Um ou mais elasticos ás tiras, etc.

MANEIRA DE CONSTRUIR

Primeiramente, faz-se a ása maior, vergando a tira de cana e prendendo os extremos com uma linha grossa. Sobre essa armação é colado o papel de seda. Para ása posterior ou rabo, procede-se da mesma forma. O corpo, é feito de duas tiras de madeira, cujos extremos se ligam com tacos mais grossos. O elástico é preso no meio das duas tiras a dois ganchos, um dos quais, o da hélice, gira livremente. Liga-se tudo entre si, com o rodado e se não voar... paciência...

TIOTONIO — Rua do Seculo, 43



P. S. — Devido à falta de espaço, não foi publicada como havíamos prometido a secção de correspondencia pelo que mos desculpa aos nossos leitores.

CORRESPONDENCIA

João P. da Silva Correia—Agradeço as tuas boas palavras. Como já devias ter visto, foste atendido.

José A. Vieira Gonçalves—A históriazinha que mandaste é um pouco fraca.

Pena foi que as outras se tivessem extraviado.

Raul Santos Valentim—Recebi o abraço que me mandaste, agradeço. A peça de artilharia da «Semana Ilustrada», compreende-se perfeitamente, lendo com atenção. Um grande abraço.

Maria Luiza Vilhena Soares—Já neste número publicará Pim-Pam-Pum um aeroplano que voa, muito fácil de construir.

Pódes mandar a tua «Princesa triste» e o retratinho quando quizeres.

A chineza deve ser desenhada a tinta escura e em papel sem linhas. Compreendeste?

Maria Helena Araujo—Agradeço as boas palavras da tua cartinha.

Nas «engenhocas» não esquecerei as meninas, nem as vivendas de bonecas.

Um beijinho.

José Marques Ferreira—Os desenhos devem ser enviados ao Sr. Eduardo Malta, director artistico do Pim-Pam-Pum, em papel sem linhas e a tinta preta (da China).

Amílcar—Agradeço.

Colaboração Infantil



LISBOA Urbano Rodrigues Vasques. — 15 anos.

C
A
R
T
A

P
AR
A

O

C
É
U

POR GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

A' MAMA QUE MORREU — CASA DE DEUS — CÉU

QUERIDA Mamã:
— morreste
a semana passada!
Partiste
uma manhã!
Não me disseste
nada!!
... Não mais pude aprender
o Padre-Nosso!...
... «santificado...
seja o vosso
Nome ...»

E depois, Mãe?
E depois?
Anda! Vem
ensinar
ao teu filhinho!
que se ele não rezar
uma oração,
vem
o Papão
e come
o Bébézinho!...

¡ A Avé-Maria,
que eu sabia

de córl!
... esquecia,
e já não sei
rezar ao Deus-Senhor!
— Olha, Mãezinha:
Já pensei
até,
que Deus te deixe vir,
dizer-me como é!
Vai-lhe pedir...
— Valeu?
Dize-lhe que o Bébé
te deixará partir
de novo para o Céu!

... Olha, sabes, Mãezinha?
O meu palhaço,
já não tem nenhum braço
nem nariz!...
Não julgues que fui eu!...
Foi o Luiz!
E o meu pó-pó,
(aquele que a Vó-vó
deu
p'lo Natal)
... não prestava para nada...
O menino
quíz ver como era feito,

e afinal
nunca mais
tornou a andar com geito!...
— Sabes, Mãe?
Já perdi
os botões
dos calções
do meu latinho usado,
e já rompi
também
o «bibe» de riscado...
... Foi assim:
— tr-r-r-r-r...
... Rasgou-se até ao fim...
... Até foi engraçado...

.....
— Adeus, Mamã.
Quando falares a Deus,
dá-lhe beijinhos meus!
Mas não te esqueças,
anh?!...
Dá lembranças
à Né,
se aí
lhes tens falado,
e um xi
muito apertá-á-á-á-ádo...
do Bébé.